Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

CHARGE NO ENSINO DE GEOGRAFIA: experiência no 13º Salão do livro do Piauí - SALIPI

Antenor Fortes de Bustamante
bustamante.fortes@ifpi.edu.br

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor de Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) - Campus Valença do Piauí. Endereço: Rua Maracaibo QI C-29, Loteamento Pólo Sul. Bairro Porto Alegre. CEP 64038-050. Teresina/PI

Andrea Lourdes Monteiro Scabello
ascabello@hotmail.com

Doutora em Geografia Física pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGGEO/UFPI. Endereço: Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Campus Ministro Petrônio Portella, Ininga. CEP 64049550. Teresina/PI

RESUMO

Este ensaio se constitui em uma reflexão sobre a utilização da charge como recurso didático no ensino de geografia, pois surgiu a partir das experiências vivenciadas na oficina de Educação Patrimonial realizada no 13º SALÃO DO LIVRO DO PIAUÍ - SALIPI. Desse modo, a oficina de Charge utilizou como referência obras relacionadas ao tema em questão a exemplo de: Alves (2013), Callai (2012), Cavalcanti (2002, 2012), Mendes (2012), além de outros que discutem o ensino de geografia e a utilização da charge no ensino e aprendizagem dessa ciência. Os procedimentos metodológicos foram compostos pela revisão do referencial teórico, com o propósito de apresentar a contribuição dos autores para fundamentar a ação desenvolvida na oficina e na análise dos procedimentos e dados obtidos na mesma.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia, Ensino de Geografia, Charge, SALIPI, Piauí.

CHARGE IN GEOGRAPHY TEACHING: experience in the 13th Hall of the Piauí Book - SALIPI

ABSTRACT

This paper becomes a reflection on the use of the charge as a teaching resource in teaching geography. Emerged from the experiences lived in the workshop of Heritage Education held on the 13th Salão do Livro do Piauí - SALIPI. The Charge workshop used as reference works related to the theme in question sample: Alves (2013), Callai (2012), Cavalcanti (2002, 2012), Mendes (2012), among others discussing the geography teaching and use of the charge in the teaching and learning of this science. The methodological procedures were composed by theoretical review, in order to present the contribution of the authors to support the action developed in the workshop and in the analysis of processes and data in the same.

KEYWORDS

Geography, Geography teaching, Charge, SALIPI, Piauí.

Introdução

A Geografia enquanto "disciplina" escolar ainda carrega o peso do ensino tradicional, já que ainda é vista como uma disciplina enfadonha, decorativa, enumerativa. Essa visão arcaica sobre a mesma contribui para o desinteresse dos discentes com relação aos conteúdos geográficos.

Essa visão em relação à Geografia vem sendo combatida por docentes que se utilizam de metodologias e recursos didáticos para tornar as suas aulas mais dinâmicas e significativas. Tal postura se deve entre outros fatores, uma vez que as informações geográficas, na atualidade, encontram-se acessíveis em diversos meios além da sala de aula. Sabe-se, contudo, que informação é diferente de conhecimento. Então, a Geografia deveria assumir outra finalidade na educação básica.

Dessa forma, as pesquisas relativas à Geografia Escolar buscam entender a complexidade do ensino e da aprendizagem dos conteúdos geográficos. No Brasil, muitos professores pesquisam e discutem essa temática com o objetivo contribuir com a melhoria do ensino da Geografia Escolar, fornecendo aos professores da educação básica, graduandos e pós-graduandos estudos que têm como cerne o ensino da Geografia.

Nesse sentido, a Geografia Escolar, a priori, é reconhecidamente um campo do conhecimento que se desenvolve no espaço escolar, envolvendo uma multiplicidade de

públicos, de infraestrutura, de professores leigos ou com formação especializada. Esse campo do conhecimento assume na escola o caráter de disciplina escolar cumprindo um papel importante na formação ou instrução da sociedade. A esse respeito Callai (2013, p. 21), afirma que a "escola é a instituição formal que tem em si a responsabilidade de oportunizar o acesso ao conhecimento produzido pela humanidade, muito, embora, atualmente, a ela sejam atribuídas outras tantas funções".

Dessa maneira, é necessário pensar qual o papel da escola e da geografia na atualidade tendo em vista o que afirmam Martins, Tonini e Goulart (2014, p.11) a respeito da Geografia Escolar:

> [...] ainda que já tenha ultrapassado a fase da informação mnemônica, continua a ensinar calcada nas informações desarticuladas e fragmentadas, às quais contribuem pouco para a transformação dos sujeitos alunos destes tempos. Neste sentido, requer dos professores e pesquisadores das instituições de ensino um constante tensionamento em busca da efetiva compreensão do papel enquanto saber escolar, favorecendo a produção de sentidos e criando redes de conhecimento para, efetivamente, produzir um sujeito que, ao transformar informações em saberes, se transforme (MARTINS, TONINI e GOULART, 2014, p.11).

A geografia, nesse sentido, contribuiria para que os alunos compreendessem a realidade em que vivem, pois eles "[…] vão construindo seus espaços enquanto constroem sua vida, sua história, e isso precisa ser compreendido.". (CALLAI, 2013, p. 24).

Por outro lado, entende-se que o ensino de Geografia vem sendo modificado ao longo do tempo com a utilização de novas metodologias que oportunizam novos recursos e linguagens atrativas aos discentes nas aulas. Assim, este texto tem por objetivo abordar a utilização da charge como recurso didático no ensino de Geografia, tendo como base a realização de uma oficina pedagógica desenvolvida no 13º Salão do Livro do Piauí – SALIPI, com alunos (as) da rede pública e privada de ensino que participaram do evento.

A oficina pedagógica foi estruturada tendo por embasamento as ideias de autores como Callai (2003), Cavalcanti (2002, 2012) e Mendes (2012), além de outros que discutem o ensino de Geografia e que tratam a utilização da charge como mediadora no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos geográficos.

O ensaio encontra-se estruturado em quatro partes: a primeira, intitulada **CHARGE NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS,** traz um breve histórico da sua origem no Brasil, apresentando as suas características gerais; a segunda, intitulada **LINGUAGEM DA CHARGE E O ENSINO DA GEOGRAFIA,** discute a utilização da

charge no ensino de conteúdos inerentes à Geografia; a terceira, intitulada **CHARGE E ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIA NO 13° SALIPI,** aborda aspectos ligados à história do SALIPI, as descrições das oficinas e apresenta os resultados obtidos; e a quarta e última seção corresponde à conclusão que expõe algumas considerações a respeito deste trabalho.

Charge no Brasil: breve histórico e características

O mundo em que se vive é imagético. As imagens fazem parte do cotidiano das pessoas, pois são formas de comunicação e de representações da realidade, o que as tornam essenciais para interpretar e analisar a realidade. Para Mattos (2010, p. 107) "[...] Toda imagem tem uma história e um tempo. [Ela] pode ser lida e transformada em palavras. Toda imagem contém uma forma textual a ser decifrada. Olhamos uma imagem prontamente a interpretamos". É fato que:

> O termo imagem tem diferentes significações. Pode ser um reflexo de algo ou alguém em um espelho ou na água. Pode ser a representação de algo ou alguém obtida por desenho (quer seja caricatura, **charge**, cartum, pintura ou qualquer outra forma iconográfica) [grifo meu]. Pode ser a representação mental de algo ou alguém. Pode ser a representação de um personagem santificado. Podem ser imagens virtuais. (MATTOS, 2010, p. 109).

Para Moretti (2013), o desenho como forma de expressão e comunicação é usado pelo homem quando este não consegue contar ou encenar um fato ou acontecimento. Para ele "[...] a caricatura, [é] uma forma que existe desde que [o homem] aprendeu a rabiscar nas cavernas, ou seja: um recurso que inventou para manifestar sua imaginação em relação ao mundo que o cercava". (MORETTI, 2013). No decurso da história, apareceram outras formas de expressões imagéticas: a charge, o cartum e os quadrinhos. Cada gênero textual apresentando características peculiares.

Segundo o referido autor, a charge nasceu da caricatura e foi utilizada pela primeira vez por Honore Daumier para criticar duramente o governo francês através do Jornal La Caricature. (MORETTI, 2013). Outros jornais perceberam o potencial das charges como forma de comunicação e passaram a utilizá-la com frequência.

Assim, a charge como as histórias em quadrinhos permite reinventar o jornal impresso, ampliando sua abrangência através do interesse de cada indivíduo e, principalmente, da busca por informações mais claras e contundentes (TORRES; MOURA, 2012). Segundo os autores, as charges:

> São formas de expressão contestadoras, abordadas em um contexto bem humorado, enquanto figura de linguagem que surge dentro do jornal pela necessidade de ampliar a leitura da classe operária inglesa – do período da Revolução Industrial – barateando e aumentando a quantidade de impressão e distribuição. (TORRES; MOURA, 2012, p. 308).

A caricatura, assim como outras manifestações culturais ligadas ao desenho e à imprensa, provavelmente, surgiu no Brasil logo após a chegada de D. João VI, em 1808, e era vendida avulsa nas ruas. Os primeiros trabalhos gráficos foram realizados no Nordeste brasileiro no início da década de 1830. As publicações humorísticas gráficas apareceram no Recife em dois jornais intitulados O Corcundão (1831) e O Carapuceiro (1832)[1].

Ainda no século XIX, podem ser observadas as caricaturas publicadas no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, de autoria de Manoel de Araújo Porto Alegre (Figura 1) satirizando Justiniano José da Rocha, político de relevo da época. (LAGO, 1999, p. 11; SIMÕES, s/d, p.4).

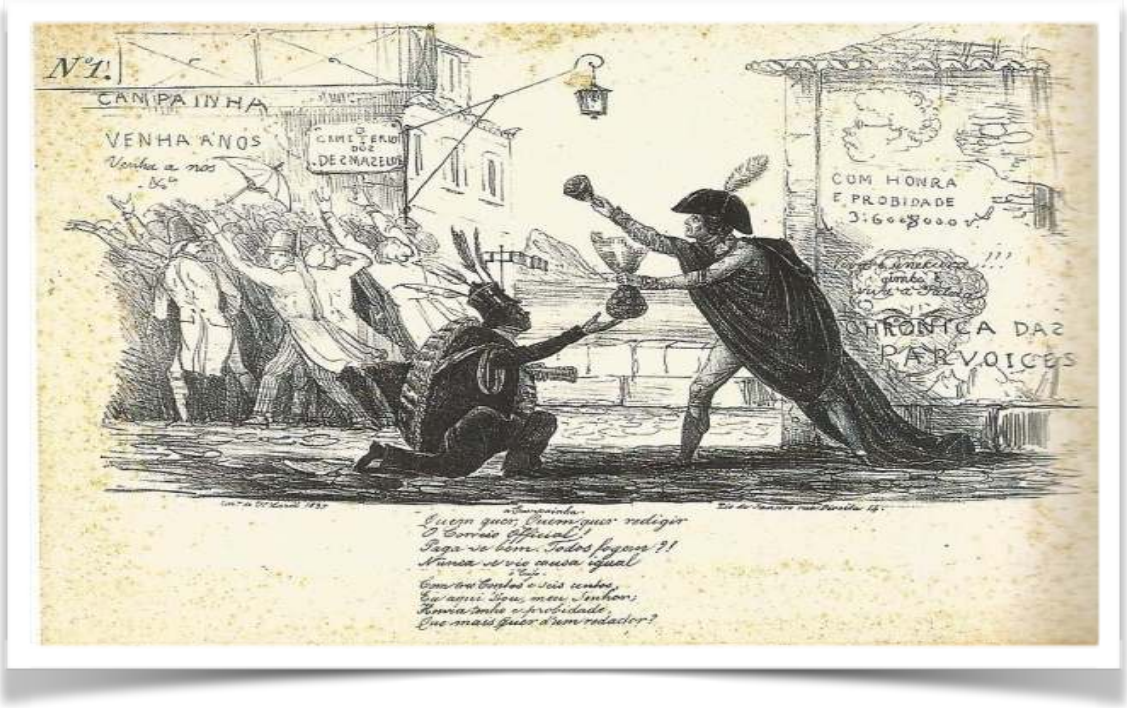


Figura 1: Litografia[2] de Victor Lareé, 1837.
Fonte: LAGO, 1999, p.18

[1] "O Chargista e pesquisador Laílson de Holanda Cavalcanti (2005) revela em seu livro História del Humor Gráfico em Brasil a primeira manifestação de humor impresso no Brasil ocorrida no O Corcundão, na cidade de Recife. Não há menção de autoria, certamente devido ao repressivo sistema político dominante. Não era possível assumir publicamente um desenho crítico dirigido ao poder constituído e às autoridades" (ARBACH, 2007, p. 170).

[2] A litogravura "[...] permitiu ao desenho passar diretamente da pedra para o jornal. A baixo custo e com rapidez [...] A litografia democratizou a imagem. Divulgou, difundiu, popularizou. Todos, até os menos instruídos ou os de pequeno poder aquisitivo tinham agora acesso às notícias ilustradas" (CAGNIN, 1994, p. 27).

A contribuição de Porto-Alegre é destacada por Lago (1999) ao tratar da história da caricatura no Brasil, afirmando ser ele um dos pioneiros. Outro que merece o italiano Ângelo Agostini[3], que chegou ao Brasil no ano de 1859 e, logo na década seguinte, fundou em São Paulo o jornal ilustrado O Diabo Coxo. Nesse jornal, publicava-se caricaturas[4] de cunho político e de crítica aos costumes. As ilustrações de sua autoria eram consideradas agressivas e ferinas o que teria sido o motivo do exílio na Europa, retornando ao Brasil no início do século XX.

No século XX surgem novos talentos e personagens diversificados:

> [...] Se Juca Pato e, sobretudo "O amigo da Onça" são talvez os personagens de maior fama, Jeca Tatu, o tipo caipira idealizado por Monteiro Lobato, que registrou a sabedoria do Brasil rural, foi também uma figura popularíssima por mais de 20 anos, desenhado por vários artistas de talento como Belmonte, Luiz Peixoto, J. Carlos, Storni e, sobretudo Oswaldo, que criou sua feição mais divulgada. (LAGO, 1999, p. 12-13).

Segundo Lago (1999), o desenho humorístico continuou presente no cotidiano da imprensa brasileira surgindo vários periódicos que marcaram época, a exemplo da Revista Senhor e do Jornal Pasquim.[5]

Durante o regime militar houve uma restrição à liberdade de imprensa e expressão, contudo, é nesse período que o Pasquim se destaca driblando a censura. De acordo com o documentário "O Pasquim – A subversão do Humor (2004)" o referido jornal contou com a contribuição de importantes jornalistas, cartunistas e chargistas. Entre eles destacaram-se: Tarso de Castro (editor chefe), Jaguar (editor de humor), Sérgio Cabral (editor de texto), Carlos Prosper (editor gráfico), Claudius (correspondente em Genebra), além de Ziraldo, Millôr, Luis Carlos Maciel, Paulo Francis, Henfil, Ivan Lessa,

[3] "[...] foi o pioneiro da imprensa ilustrada entre nós e que abriu para São Paulo o mundo encantado da imagem. De Vercelli, no Piemonte, Itália, educou-se em Paris, com a avó, com a qual conviveu desde os 4 anos, após a morte do pai, um violinista. Desembarcou no Rio muito provavelmente em 1863 em companhia da mãe, cantora lírica e, após 3 meses, chegava em São Paulo, onde, ainda nos seus verdes 20 anos, com a arte itálica e a finesse francesa, publica o Diabo Coxo, o primeiro jornal ilustrado e de caricaturas de São Paulo (1864-1865). Logo no ano seguinte lança o Cabrião (1866-67), outro jornal, de não menor importância e não menos infernal" (CAGNIN, 1994, p. 30).

[4] Cabe ressaltar que se denominavam caricaturas todas as ilustrações de teor humorístico que desencadeassem o riso e apresentassem conteúdo satírico. (MIANI, 2001; SIMÕES, s/d.)

[5] O nome do jornal carioca foi escolhido por Jaguar, que criou o jornal juntamente com o Ivan Lessa. Sobre a origem do Pasquim, tecemos em seguida algumas noções de caráter histórico e linguístico, [...] vem do italiano 'paschino' e significa jornal ou panfleto difamador" (BETEGA, 2012, p. 52).

Miguel Paiva, entre outros. Na atualidade, a caricatura no Brasil alcançou projeção nos vários salões de humor, entre os quais se destaca o de Piracicaba[6]. (LAGO, 1999).

Após esse breve histórico sobre a história da caricatura e da charge no Brasil, será apresentada a definição de charge e suas características propostas por diversos autores que trabalham o tema charge.

Há uma grande dificuldade em diferenciar o que seja caricatura, charge, cartum. Nessa questão Pedro Corrêa do Lago (1999, p.10), na obra Caricaturistas Brasileiros (1836-1999) citando Loredano (s/d) afirma que o significado das palavras charge e caricatura são similares, ambas se referem a palavra carga. Contudo, no Brasil as charges se relacionam aos desenhos satíricos que se referem a fatos políticos e culturais, enquanto a caricatura diz respeito a um desenho que distorce ou intensifica uma característica pessoal. E, por fim, o cartum é um desenho satírico de uma situação independente da atualidade.

Em virtude dessa dificuldade, tenta-se esclarecer as diferenças entre caricaturas, charges, cartum, tirinhas e HQ's no Quadro 1.

Quadro 1: Caracterização dos desenhos de humor

Desenhos de Humor	Principal Característica
Caricatura	"É o exagero na expressão de um traço marcante do sujeito" (PAULA, 2013 p. 29). "Caricaturar é deformar as características marcantes de uma pessoa, animal, coisa, fato, mantendo-as próximas do original para haver referência na identificação" (MORETTI, 2013, s/p).
Charge	"É a expressão de um evento ou fato social (geralmente da esfera política) com uma porção de humor crítico. A fórmula composicional da charge é a união do humor irônico, somada a uma pitada subversiva de apreensão do real; sua missão: a denúncia, a crítica, o riso para além de sua imediaticidade" (PAULA, 2013 p. 31).

[6] "O I Salão de Humor de Piracicaba, em agosto de 1974, abriu suas portas de forma festiva e respeitosa. Ele representou um gesto de respeito de uma cidade culturalmente e politicamente ativa, na época, às artes e ao humor gráfico, às figuras que lhe davam sentido na época – os pasquineiros Ziraldo, Jaguar, Fortuna e Millor Fernandes – e, mais especialmente, às novas gerações de artistas que com suas —penas e brilhos, ajudaram a inquietar a ditadura militar na época, contando novas histórias, lançando dúvidas, contestando a forma de governo e, especialmente, transformando a ironia fina em arma retórica de convencimento. Foi assim então, que tivemos o nosso primeiro premiado: o jovem e irreverente Laerte Coutinho, oriundo da revista —Balão editada pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo" (QUEIROZ, s./d., p.2).

Cartum	"É o caráter universal; é uma produção geralmente atemporal. O contexto temporal não é essencial para a compreensão do cartum, pois a configuração tempo/espaço não interfere de forma explícita para o entendimento do conteúdo" (PAULA, 2013 p. 30). "O cartum veio depois da charge e é diferente. A palavra inglesa 'cartoon' significa: cartão, papelão duro, e deu origem ao termo cartunista, ou seja: desenhista de cartazes. No Brasil, o cartum também é uma forma de expressar ideias e opiniões, seja uma crítica política, esportiva, religiosa, social. O desenho pode ter uma imagem (isolada), duas ou três (sequenciadas) dentro de quadrinhos ou aberto; pode ter balões, legendas e se beneficiar de temas fixos. Alguns cartuns têm caricaturas, mas é muito raro - a não ser quando usadas para satirizar figuras históricas conhecidas (Hitler, Napoleão, etc.)" (MORETTI, 2013, s/p).
Tirinhas	"As tirinhas não possuem a responsabilidade de tratar de temas contemporâneos ou até com a realidade, uma vez que seus personagens são super-heróis ou personagens fictícios e suas histórias giram em torno desses personagens" (PESSOA, 2011 s/p).
HQ's (Histórias em quadrinhos)	"As histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação; o visual e o verbal. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantindo que a mensagem seja entendida em plenitude" (VERGUEIRO 2004, p.31 apud PESSOA, 2011, s/p)

Fonte: Adaptado de Simões (s/d) a partir de informações da autora Paula (2013), Pessoa (2011) e Moretti (2013).

Para Miani (2012), a charge é constituída por um desenho acompanhado por uma narrativa que incorpora à linguagem elementos estéticos "[...]Tradicionalmente, é apresentada [...] mostrando linhas, espaço, plano, ponto de enfoque, volume, luz e sombra, movimento, narrativa, balão, onomatopeia e texto verbal, não aparecendo, necessariamente, todos esses elementos em todas as charges" (MIANI, 2012, p.40).

De acordo com Ross e Lindino (2013) o termo charge é:

> [...] proveniente do francês "charger" (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero. Ela se caracteriza por ser um texto visual humorístico e opinativo, criticando um personagem ou fato específico. A charge nada mais é do que composições e representações dos acontecimentos estruturados, visíveis e não visíveis, com uma carga ideológica" (ROSS; LINDINO, 2013, p.98).

Esta conceituação é complementada por Torres e Moura (2012, p.306) ao afirmarem que se trata de "[...] uma representação artística despretensiosa – porém intencional -, que através das fragilidades políticas e sociais, encontra-se como voz

silenciosa de denúncia, reflexão e encorajamento, indo além do visível por carregar em si a memória social daquele que a produz".

Ross e Lindino (2013) destacam ainda que a charge, enquanto gênero discursivo, é "[...] datada e localizada geograficamente" cuja "função [é] elaborar e explicitar eventuais ocorrências sociais, com uma dosagem de crítica sobre os fatos e os acontecimentos do mundo atual" (ROSS; LINDINO, 2013, p.99).

Mattos (2010, p. 109), por sua vez, afirma que nas charges, nos cartuns e nas caricaturas "[...] O humor produzido por elas se caracteriza pela possibilidade de subverter os fatos e a ordem estabelecida, inserindo elementos para que o leitor reflita e interprete a imagem de acordo com seu ponto de vista".

Miani (2001) ao tratar das charges ressalta ainda que elas são:

> [um] tipo de gênero [que] aborda de uma maneira harmoniosa os dois tipos de linguagens: a linguagem verbal e a linguagem não verbal [...]. Possui um estilo de ilustrações que tem por função satirizar algo, fazendo uso de caricaturas carregadas de exagero [...]. (MIANI, 2001, p. 04).

Outra característica da charge é constituir-se como instrumento de persuasão, intervindo, dessa forma, no processo de definições políticas e ideológicas do receptor, por meio da sedução pelo humor, criando, assim, um sentimento de aceitabilidade que permite um processo de mobilização e reflexão diante dos fatos da sociedade (SANTOS; CHIAPETTI, 2011, p.43).

Assim, Torres e Moura (2012) ressaltam que a cumplicidade com o leitor é fundamental para a produção e o sucesso da charge, bem como o bom senso e a opinião exposta pelo artista.

Portanto, a charge é uma linguagem visual e verbal de grande valor nos meios de comunicação impressos, televisivos e na internet. É, também, um meio de comunicação de fácil acesso à população (faixas etárias). Nesta perspectiva, observa-se a necessidade de sua utilização como recurso didático ou pedagógico nos mais diferentes níveis de ensino.

Linguagem da Charge e o Ensino da Geografia

O uso de recursos didáticos sempre se fez presente no ensino da Geografia, seja os mais tradicionais ou convencionais como mapas, gráficos, tabelas, desenhos ou fotografias, ou dos tidos como não convencionais como: cartuns, histórias em quadrinhos

e de charges. Essa utilização tem por finalidade favorecer a apreensão dos conteúdos geográficos por parte dos discentes.

A utilização de recursos didáticos no ensino da Geografia deve ser bem pensada e planejada pelos docentes, pois, conforme afirma Souza e Souza (2013, p. 303),

> [...] nenhuma técnica, recurso, atividade ou conteúdo, dinamiza ou "salva" uma aula por si só. Para isso, é preciso que o professor faça uma avaliação constante do referencial teórico-metodológico no qual apoia a sua prática, ou seja, das bases filosóficas que fundamentam a sua concepção de mundo e de educação, confrontando-as com a realidade, a fim de que possa perceber os caminhos que irá traçar para a construção dessa Geografia mais prazerosa, dinâmica e reflexiva, que tanto ansiamos no Ensino Básico (SOUZA; SOUZA, 2013, p. 303).

Desse modo, a utilização de linguagens como a charge no ensino de Geografia é uma alternativa de recurso didático pelas inúmeras possibilidades de se apreender de forma crítica a realidade, uma vez que se configura como um recurso de fácil acesso, baixo ou nenhum custo, além de proporcionar de forma divertida e bem-humorada o direcionamento dos conteúdos geográficos. Além disso, é importante que o docente esteja atento quanto à escolha da charge que irá utilizar, haja vista que algumas trazem conteúdos preconceituosos e discriminatórios.

De acordo com Alves (2013), o avanço das novas tecnologias facilitou a comunicação e permite a divulgação de diversos gêneros textuais, entre eles a charge. Para a autora:

> O processo de ensino necessita de mobilizações que promovam a aprendizagem e que acompanhem o desenvolvimento social, econômico e cultural da sociedade, trazendo para o âmbito escolar não só as temáticas atuais, mas as formas alternativas de transposição didática de conteúdos. (ALVES, 2013, p. 418).

A autora destaca ainda que para que isso ocorra é necessário investir na formação do professor, que precisa estar consciente do seu papel e da responsabilidade como "[...] formador de opiniões e articulador de novas estratégias de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, as charges e as tiras humorísticas são alternativas viáveis que podem promover resultados satisfatórios por parte dos discentes." (ALVES, 2013, p. 418).

Assim, vê-se que existe a possibilidade de se fazer aulas mais motivadoras e que apresentem uma dinamicidade maior em relação aos objetivos de aprendizagem, pois de acordo com Alves (2013), a Geografia apresenta "[...] várias possibilidades de se trabalhar com esses recursos didáticos devido ao volume de temas sociais, críticos e contemporâneos representados pelas charges e tiras humorísticas veiculados pelos

sistemas de informações do país (revistas, internet, jornais, etc.)." A referida autora ressalta, ainda, que há a "[...] necessidade gritante de tornar a disciplina mais interessante para os alunos, haja vista que, por vezes, estes a classificam como uma disciplina chata, monótona, em síntese, desinteressante.". Alves (2013, p. 418).

Cavalcanti (2002) enfatiza a importância de trabalhar sobre as diferentes formas de linguagem, desde à linguagem verbal ao uso de figuras ilustrativas e meio de comunicação, no ensino de geografia, podendo estabelecer a relação dos conteúdos geográficos com o conhecimento prévio do aluno, como se pode notar na citação a seguir:

> [...] há que se destacar sua potencialidade para levar o aluno a perceber, por exemplo, a geografia no cotidiano, para fazer a ponte entre seu conhecimento cotidiano e o científico, para problematizar o conteúdo escolar e partir de outras linguagens e de outras formas de expressão (CAVALCANTI, 2002, p. 87).

Isso nos leva a perceber que um dos grandes desafios dos docentes na atualidade é fazer com que suas aulas sejam atraentes e, principalmente, significativas para os discentes. Esse desafio se deve as modificações ocorridas na sociedade contemporânea com o advento de aparatos tecnológicos que propiciaram, a uma parcela significativa da população, o acesso às informações, que permitiram mudanças em todos os setores da sociedade.

Para Souza e Souza (2003), a utilização de outras linguagens no ensino de geografia permite compreender melhor alguns conceitos relacionados à análise espacial. Segundo os autores, os docentes ao "[...] geografizar tirinhas e cartuns, bem como outras linguagens em sala de aula [...]" (SOUZA; SOUZA, 2003, p.305) permitem aos alunos experiências enriquecedoras, proporcionando-os a apropriação das diferentes linguagens, decodificando-as e apreendendo os conhecimentos da área presentes nestas produções artísticas e culturais. Logo, a aprendizagem da geografia se torna mais dinâmica, prazerosa e reflexiva, já que o educando passa a ser o protagonista do processo de aprendizagem, transformando as informações do contexto social em conhecimento.

Para Mendes (2012), a importância do trabalho com as charges nas aulas de Geografia, permite "[...] tornar [a aula] mais receptiva e significativa, motivando discussões do contexto em que os sujeitos estão inseridos. ". (MENDES, 2012, p. 89). Mas para que o seu uso seja eficiente enquanto recurso didático, o professor deverá realizar uma seleção prévia de acordo com os objetivos de aprendizagem. A tecnologia estimula a socialização das informações, mas sem sistematização não há a possibilidade de uma análise crítica da realidade.

Além disso, Cavalcanti (2012, p. 184) salienta que "A cultura produzida neste mundo de tecnologias é repleta de informações geográficas. Os filmes, os desenhos, as charges, as fotografias, os slides, [...] representam frequentemente, e das formas mais variadas, o mundo, os lugares do mundo, os fenômenos geográficos, as paisagens.". A autora ressalta também que mídia explora os fenômenos geográficos de forma eficiente "[...] que as pessoas parecem ter vivenciado, experienciado tais lugares e tais fenômenos.". (CAVALCANTI 2012, p. 185).

A propósito, percebe-se que a Geografia, como conteúdo escolar, deve fornecer bases para a elaboração do conhecimento e para a produção dos conceitos geográficos, indo além do senso comum e permitindo a articulação entre as realidades local e global.

Segundo Souza e Souza (2003), o ensino de geografia deve "[...] quebrar as barreiras da compartimentação científica e disciplinar [...]" e reconhecer "[...] o caráter enriquecedor do uso de outras linguagens nas aulas de Geografia, bem como da interdisciplinaridade para uma análise e reflexão mais profundas e seguras do mundo.". (SOUZA E SOUZA, 2003, p. 306-307). Esta ação exige "[...] uma visão mais holística da realidade, para que possamos nos inserir conscientemente em tal processo [...] Sendo assim, a construção do conhecimento geográfico, de modo pleno e reflexivo, anseia por um trabalho coletivo que envolva os conhecimentos de outras áreas/disciplinas.". (SOUZA E SOUZA, 2003, p. 306-307). Sugerem, desta forma, que se integrem ao ensino de Geografia outras linguagens, a exemplo das tirinhas, cartuns, desenhos, a fim de estimular a criatividade, o prazer e a reflexão nas aulas da disciplina.

Esse gênero textual possui uma linguagem apropriada para a construção do pensamento crítico, pois proporciona maior entendimento dos conceitos geográficos desenvolvidos nas aulas de Geografia. Essa linguagem se encontra vinculada à percepção crítica do aluno, sendo uma abordagem de ensino propulsora e geradora de questionamentos e reflexão dos sujeitos aprendizes, ao mesmo tempo em que se utiliza da característica humorística para despertar a curiosidade dos alunos sobre a complexidade das relações que se desembaraçam no espaço geográfico. (ROSS; LINDINO, 2013).

Além disso, ao pensar sobre a funcionalidade da utilização de charges no ensino de Geografia, Ross e Lindino (2013) afirmam que "[...] este tipo de linguagem sugere e instiga a atuação efetiva dos sujeitos aprendizes. [...] ela permite a flexibilidade na explicação dos conteúdos e na participação dos alunos, sustentando o diálogo entre professor e aluno [...].". (ROSS; LINDINO, 2013, p. 97).

Isso ocorre segundo Santos (2011) porque "[...] os elementos verbais e visuais imbricam-se na construção da leitura da charge por meio da busca dos sentidos, pois esses elementos significam na comunicação humana e esta se dá de forma significativa, tanto no momento atual quanto em dado momento histórico.". (SANTOS, 2011, p. 58).

Dessa forma, ao se pensar a utilização de charge no ensino da Geografia Escolar, Ross e Lindino (2013, p. 100-101) afirmam que:

> [...] a charge corrobora com as discussões geográficas ao propiciar ambientação e situação aos sujeitos aprendizes para a construção de uma visão organizada e articulada do mundo. (...) A charge não estabelece somente um caminho para a reflexão – mesmo que isso esteja explícito em sua representação. Ela abre-se para um campo de visibilidade e análise muito mais extenso, cogitando e compreendendo as várias esferas ou situações que se articulam na realidade sócioespacial. Entende-se a significância da charge no ensino de Geografia, pois permite e instiga os alunos a abrirem as suas mentes para uma maior interpretação do universo. Ou ainda, ela suscita nos sujeitos aprendizes a possibilidade e a capacidade de estarem expondo os seus pontos de vista e descobrindo curiosidades sobre as complexidades do espaço geográfico e dos acontecimentos que ocorrem no seu local de vivência.

A charge é mais do que um simples desenho, é crítica político-social. Graficamente, o artista expressa sua visão sobre determinadas situações cotidianas por meio do humor e da sátira. Ela é uma forma de ilustração que permite abranger o entendimento dos conteúdos relacionados com a Geografia, proporcionando o entrosamento compreensivo na relação ensino e aprendizagem, influenciada pela análise questionadora e, ainda, pelo interesse demonstrado por grande parte dos estudantes (SILVA; CAVALCANTI, 2008 *apud* ROSS; LINDINO, 2013 p.103).

O próximo tópico apresentará a experiência vivida no 13° SALIPI, no qual se realizou oficina pedagógica intitulada com *O uso da charge no ensino de geografia* atendendo ao público visitante, especialmente, constituído por estudantes de escolas públicas e particulares que visitaram o Espaço "Rosa dos Ventos" na Universidade Federal do Piauí - UFPI.

Oficina com Charges e Ensino de Geografia: Experiência no 13° SALIPI

De acordo com o sítio oficial do SALIPI, o Salão do Livro do Piauí – SALIPI surgiu em 2003, fruto do experimento de professores que resolveram organizar um evento literário. Desde essa época, o SALIPI é realizado anualmente, tornando-se o principal evento da Fundação Quixote, que ocorre sempre no mês de junho em Teresina e tem duração de uma semana.

O 13º SALIPI proporcionou ao público visitante exposição dos livros, palestras, apresentações musicais, atividades artísticas e pedagógicas. Entre estas últimas, destacam-se as Oficinas de Educação Patrimonial e Ambiental. Esta se propôs a divulgar o patrimônio cultural piauiense oferecendo diversas atividades educacionais entre elas a oficina O uso da charge no ensino de geografia. Esta atividade foi planejada no bojo do projeto de pesquisa de mestrado em Geografia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, com o intuito de compartilhar com os docentes e discentes participantes do SALIPI os resultados preliminares e a metodologia empregada no ensino e na aprendizagem de conteúdos da geografia a partir da mediação da charge.

A metodologia da oficina consistiu numa roda de conversa com o público constituído, fundamentalmente, por professores e estudantes de escolas públicas e particulares que visitaram o SALIPI. Inicialmente foi realizada uma exposição acerca da definição de charge. Em seguida, a audiência observou algumas charges piauienses e, na sequência, cada estudante elaborou uma descrição detalhada das charges de autoria de artistas piauienses.

Durante a observação, os alunos tiveram contato com o trabalho de chargistas como: J.A, Dino Alves, Izânio e outros que têm suas charges divulgadas em jornais, blogs e páginas pessoais em redes sociais.

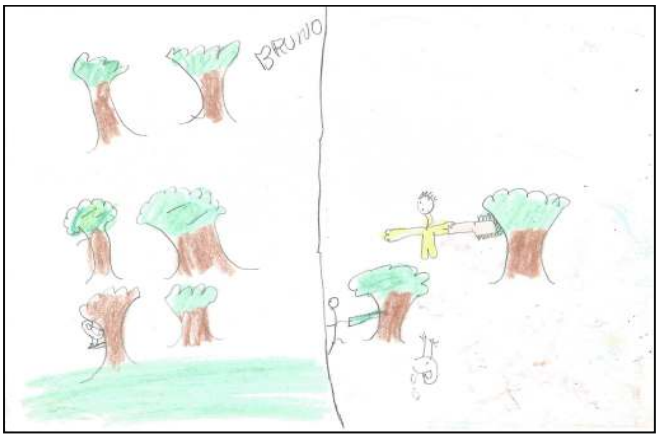
Um dos momentos mais significativos consistiu na exposição da descrição das charges, momento importante para que se notasse qual a percepção que os estudantes possuíam sobre os acontecimentos retratados nas charges. Na última atividade da oficina, foi solicitado aos estudantes que produzissem suas próprias charges com tema livre. Na realização dessa etapa, constatou-se que os estudantes optaram por tratar da temática ambiental. Logo, a seguir, será apresentado o material em análise.

As figuras 2 e 3 foram feitas por alunos da Escola Municipal Areolino Leôncio. As charges tratam do problema do desmatamento.



AUTOR	Gerden
TEMA	Meio Ambiente
PRINCIPAIS ELEMENTOS	Desmatamento, Árvores caídas, cesto de lixo e o homem continuando a derrubada das árvores.

Figura 02: Charge produzida por Gerden, na oficina "O uso da charge no ensino de Geografia".
Fonte: Oficina Salipi (2015) - Escola Municipal Areolino Leôncio.



AUTOR	Bruno
TEMA	Meio Ambiente
PRINCIPAIS ELEMENTOS	Observa-se a representação da paisagem em dois momentos. No primeiro, tem-se a representação da vegetação sem modificação e na outra homens realizando desmatamento.

Figura 03: Charge produzida por Bruno, na oficina "O uso da charge no ensino de Geografia".
Fonte: Oficina Salipi (2015) - Escola Municipal Areolino Leôncio.

As figuras 4 e 5 foram elaboradas por alunos da Escola Pitágoras, que se localiza no município de Amarante – PI. Como se pode observar, a temática escolhida foi também o Meio Ambiente. Nota-se também que a temática é o desmatamento, o que demonstra que esse tema está presente na vida dos estudantes.



AUTOR	Adriana Silva
TEMA	Meio Ambiente
PRINCIPAIS ELEMENTOS	Observa-se a representação de uma paisagem que sofreu o processo de desmatamento.

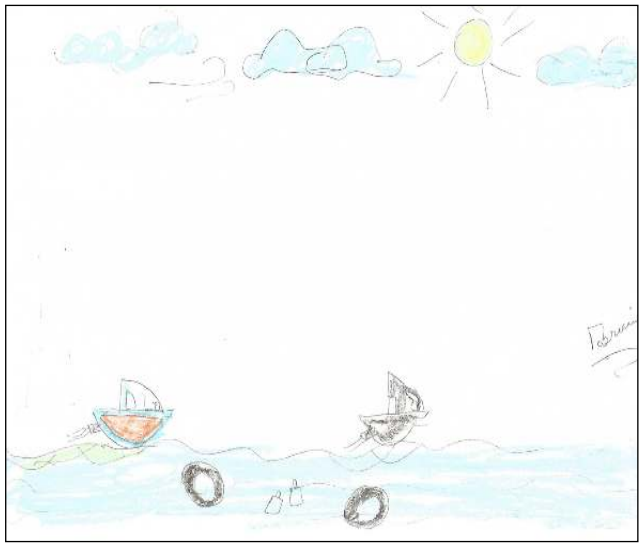
Figura 04: Charge produzida por Adriana Silva, na oficina "O uso da charge no ensino de Geografia".
Fonte: Oficina Salipi (2015) - Escola Pitágoras.



AUTOR	Luis Fernando
TEMA	Meio Ambiente
PRINCIPAIS ELEMENTOS	Observa-se a representação de uma paisagem que sofreu o processo de desmatamento. Com a presença de um homem para realizar a derrubada da árvore e um outro em frente à última árvore, o mesmo afirmando que irá protegê-la.

Figura 05: Charge produzida por Luis Fernando, na oficina "O uso da charge no ensino de Geografia".
Fonte: Oficina Salipi (2015) - Escola Pitágoras.

As figuras 6, 7 e 8 foram produzidas por alunos da Escola Municipal Graciliano Ramos, localizada na Zona Sul de Teresina – PI. A figura 5 trata da poluição dos oceanos e mares, pois, na mesma, observa-se pneus e garrafas jogadas no oceano.



AUTOR	Fabrício
TEMA	Meio Ambiente
PRINCIPAIS ELEMENTOS	Observa-se a representação de uma paisagem em que se identifica o oceano, barcos e o problema da poluição das águas, pois podem ser identificados com presença de pneus e garrafas jogados na água.

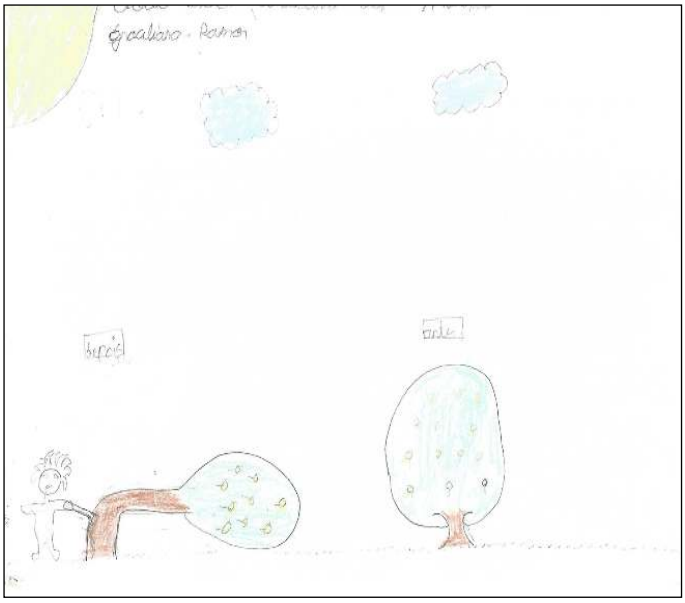
Figura 06: Charge produzida por Fabrício, na oficina "O uso da charge no ensino de Geografia".
Fonte: Oficina Salipi (2015) - Escola Municipal Graciliano Ramos.



AUTOR	Lhorrane Alves Pedreira
TEMA	Meio Ambiente
PRINCIPAIS ELEMENTOS	Observa-se a representação de uma paisagem em que se identifica dois problemas ambientais: o desmatamento e as queimadas da vegetação, devido à arvore caída e um menino ateando fogo.

Figura 07: Charge produzida por Lhorrane Alves Pedreira, na oficina "O uso da charge no ensino de Geografia".
Fonte: Oficina Salipi (2015) - Escola Municipal Graciliano Ramos.

Nas figuras 6 e 7, observa-se novamente a preocupação com o desmatamento. Porém, na figura 6, pode-se observar também o problema das queimadas. Na figura 8, a charge demonstra a situação do antes e depois do desmatamento da floresta como forma de alertar para esse grave problema que afeta todo o sistema natural do planeta.



AUTOR	João Vitor Cantuaria de Macêdo.
TEMA	Meio Ambiente
PRINCIPAIS ELEMENTOS	Observa-se a representação de uma paisagem em que mais uma vez se identifica o desmatamento, devido à representação de um homem realizando o corte de uma árvore.

Figura 08: Charge produzida por João Vitor Cantuaria de Macêdo, na oficina "O uso da charge no ensino de Geografia".
Fonte: Oficina Salipi (2015) - Escola Municipal Graciliano Ramos.

Portanto, as charges retratam a percepção que os alunos possuem da ação humana sobre o meio ambiente ocasionando problemas reais. É possível notar que a defesa e a preservação do ambiente dependem de cada indivíduo.

Conclusões

Este ensaio objetivou relatar a experiência vivida em oficinas com a utilização da charge como mediadora no ensino e aprendizagem de conteúdos de geografia. A motivação para a realização das oficinas partiu da necessidade de demonstrar aos docentes e discentes participantes da oficina, a possibilidade de se trabalhar com outras linguagens no ensino e, principalmente, na aprendizagem de qualquer conteúdo, seja da geografia ou de qualquer outra disciplina.

A escolha da charge como recurso pedagógico a ser utilizada na oficina se deu em virtude da mesma está vinculada à pesquisa desenvolvida no programa de Mestrado em Geografia da UFPI. A pesquisa defende a ideia de que o uso desses recursos proporciona uma melhor interação professor – aluno, além de facilitar a comunicação entre eles.

Além disso, o estudo desse gênero textual no contexto da sala de aula é importante, pois permite que os discentes utilizem o humor para alertar, criticar e gerar posicionamentos diante da realidade.

Dessa modo, ao se propor trabalhar com o ensino a partir da mediação da charge, o trabalho do professor passa a ter outra função, que é a de cooperar de maneira significativa na aprendizagem dos seus alunos. Assim, contribui para a formação de cidadãos críticos, aptos a transformar a realidade na qual estão inseridos.

Durante a oficina, percebeu-se que os estudantes demonstraram domínio na leitura das charges apresentadas, o que requer diversas habilidades, pois como nos afirma Mattos (2010),

> Na leitura de imagens são pertinentes e comuns os seguintes procedimentos: materializar ideias representadas em imagens por meio de palavras; criar vínculos de sentido, de conteúdo, em que são representadas vozes no entrecruzamento de experiências pessoais e coletivas, calcadas, inclusive, na subjetividade; estabelecer diálogo com o autor confrontando diferentes ideias e pontos de vistas, valendo-se até do ponto de vista diferente daquele que ele escolheu para interpretar a imagem, se for o caso. Essas representações de imagens são modificadas em cada momento, de acordo com o que é vivido (MATTOS, 2010, p. 108).

Além da leitura das imagens (charges), os discentes também demonstraram domínio dos conteúdos geográficos ao elaborarem suas próprias charges, o que nos permite afirmar que a utilização desse gênero textual nas aulas pode torná-las mais motivadoras e instigantes, fazendo com que os discentes compreendam a realidade de forma prazerosa e interessante.

Enfim, o fato é que a aprendizagem é um processo complexo, pois não há fórmulas e receitas prontas e acabadas sobre como ela acontece assertivamente. Por isso, é de suma importância que cada docente possa ter a liberdade e autonomia de utilizar ou criar os recursos que melhor se adéquam à sua realidade e a de seus alunos, para que possam ensinar e aprender qualquer disciplina, em especial, no nosso caso, de que se ensine e aprenda geografia de maneira espontânea e prazerosa.

Referências Bibliográficas

ALVES, Telma Lúcia Bezerra. A utilização de charges e tiras humorísticas como recurso didático-pedagógico mobilizador no processo de ensino-aprendizagem da Geografia. **Educação**. Santa Maria, v.38, n 21, p. 417-432, maio./ago. 2013.

ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. **O Fato gráfico:** o humor gráfico como gênero jornalístico. Tese apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São

Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde...182433/.../4846686.pdf> Acesso em 7 de fevereiro

BETEGA, Lidiana da Silva. **O Pasquim nos anos de chumbo (1969 – 1971):** a charge como crítica ao regime militar. Disponível em: < https://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/o-pasquim-nos-anos-de-chumbo-1969-e28093-1971-a-charge-como-crc3adtica-ao-regime-militar.pdf>

CAGNIN, Antônio Luiz. 130 Anos do Diabo Coxo o Primeiro Periódico Ilustrado de São Paulo. **Comunicação e Educação**, São Paulo, (1): 15 a 46, set. 1994. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/36197/38917>

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional de geografia:** o professor. Ijuí: Ed.Unijuí, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O Ensino de geografia na escola.** Campinas: Papirus, 2012.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyczynski; TONINI, Ivaine Maria; Goulart, Ligia Beatriz. Para iniciar a conversa sobre ensino de Geografia. IN: MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyczynski; TONINI, Ivaine Maria; Goulart, Ligia Beatriz.(Orgs). **Ensino de Geografia no Contemporâneo:** experiências e desafios. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. **Imagens e vozes que perpetuam o fracasso escolar das crianças das classes populares.** Olhar de Professor, Ponta Grossa, 13 (1): 107-116, 2010

MIANI, Rozinaldo Antonio. **Charge:** uma prática discursiva e ideologia**.** INTERCOM, XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação – Campo Grande/ MS – Setembro, 2001.

MENDES, Francielle de França. Ensino de Geografia: Limites e possibilidades na utilização de charges. **Revista Eletrônica Geoaraguaia**. Barra do Garças, v. 2, n. 1, p. 86-100 jan./jul. 2012.

MORETTI, Fernando A. **Qual a diferença entre charge, cartoons e quadrinhos?** Disponível em: <http://oblogderedacao.blogspot.com.br/2013/01/qual-diferenca-entre-charge-cartoons-e.html> Acesso em março de 2016.

PAULA, Carla Ramos de. **O gênero discursivo charge:** uma proposta pedagógica para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental – Cascavel, PR: Unioste, 2013.

PESSOA, Alberto Ricardo. **Charge como estratégia complementar de ensino**. Revista Temática. Ano VII, n. 03 – Março/2011.

QUEIROZ, Adolpho. **Humor e Contrapropaganda Política:** A Contribuição Histórica do Salão de Piracicaba. Disponível em < http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2872-1.pdf> Acesso em fevereiro de 2016

ROSS, Djeovani; LINDINO, Teresinha Corrêa. **Especializando reflexões sobre a geografia escolar:** o uso da charge como elemento norteador de análise. Revista Eletrônica da Associação de Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas/MS – nº18 – ano 10, novembro-2013.

SANTOS, Rita de Cássia Evangelista dos. CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v.15, n.3, p.167-184, set/dez 2011.

SIMÕES, Alex Caldas. **170 anos de caricatura no Brasil:** personagens, temas e fatos**.** Disponível em: <http:// http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao15/005.pdf. > Acesso em jameiro de 2016.

SOUZA, Hamilton Ribeiro de. SOUZA, Patrícia Pires Queiroz. O MUNDO DE MAFALDA: ensinando e aprendendo Geografia através de outras linguagens**.** IN: PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva (Orgs). **(Geo)grafias e linguagens**: concepções, pesquisas e experiências formativas. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2013.

TORRES, Paulo Sérgio; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. A charge como linguagem no ensino de geografia. IN: ASARI, Alice Yatiyo, et all. (Orgs). **Múltiplas Geografias:** ensino, pesquisa, reflexão**.** v. 7. 1ª. ed. Londrina: UEL, 2012.

Recebido em 13 de janeiro de 2016.

Aceito para publicação em 14 de outubro de 2016.